

COMO EU MATEI A MAÇAROCA

O QUARTEL DO DESTACAMENTO ficava nuns “quartos” da rua de Baixo, por trás da Câmara Municipal. Era um casebre infecto e pequenino, tendo ao fundo um telheiro de zinco, que servia de cozinha às “muié de soldado”. Por todo mobiliário, uma mesa “infalsa”¹⁵ dois tamboretos de pau e, no chão, as portas da traseira da habitação, arrancadas das dobradiças para servirem de camas. A um canto, uma rede suja, com “varandas” de labirinto.

Comandava a força, composta de cinco praças, dois anspeçadas e um cabo, o sargento Galvão, afamado pegador de criminosos no sertão do Assaré. Os homens eram todos antigos romeiros do padre Cícero, ou cangaceiros de profissão, tendo cada um, no mínimo, três mortes na “cacunda”. Andavam pelas ruas de fardas desabotoadas e chapéus de palha de carnaúba, alpercatas e calças enroladas no joelho. Deixavam as Comblains encostadas aos cantos do quartel e os cinturões pintados de alvaiade, com os reflex, pendurados de pregos, nos portais. E ostentavam no cós as facas afiadas, de “arrasto”, que preferiam.

Tinham vindo ali parar, destacados da companhia volante do capitão Arrais, que, no Arneiroz, perseguia um bando de cangaceiros, ou melhor, fingia que os perseguia, pois eram protegidos da política. Antes causava danos aos adversários do governo, na região, prendendo-lhes os fâmulos, invadindo-lhes as casas, sob o pretexto de apreender armas destinadas a fomentar o banditismo.

Como houvesse necessidade de amedrontar os eleitores daquela vila, para ela vieram o sargento e seus companheiros, escolhidos a dedo entre os piores elementos da tal companhia volante. Os cinco

¹⁵ A palavra *infalsa*, empregada, no texto, em forma adjetiva é a forma contracta da expressão erudita *em falso*, fora de nível. No caso, uma perna menor que as outras.

praças eram jagunços legítimos, de bentinhos ao pescoço e medalhinhas da Maria do Rosário no chapéu. O cabo chamava-se Luiz Poeirão e fora, na capital, o maior e mais expedito surrador de jornalistas da oposição. Um dos anspeçadas era o João Lubino, cabra do nariz de “repolego”,¹⁶ capaz de “tirar o coração pelas costas” a quem lhe caísse no desagrado; o outro acudia por Xico Linheiro, fora sequaz de um fazendeiro do Jardim, ladrão de cavalos, guarda urbano na Paraíba e viera terminar a vida aventureira nas fileiras dignas da polícia estadual.

Pertencia-lhe aquela rede suja do canto do quartel e a mais gorda das três “muiés” que cozinhavam o feijão sob as telhas de zinco. Sentado nela, enquanto esperava o “de comer”, ele contava estórias. A própria rede tinha uma, que era das melhores.

Certa vez, na vila do Coité, formaram-se dois partidos rivais de cabras que trabalhavam nos sítios da vizinhança: os Bacuraus e os Caborés. Uns plantavam e colhiam bananas; os outros plantavam e colhiam café. Começou a inimizade em cantigas de desafio e terminou em pancadaria grossa, “de criar bicho”. Quando os grupos adversos se encontravam no mercado, era um “Deus nos acuda”, “fechava-se o tempo!” Chovia cacete de todos os lados, acabavam-se os negócios, o povo desertava dali, e seis, oito cabras saíam de costelas moídas e cabeças arrebetadas. Então, o delegado mandou postar todos os dias de feira uma força, comandada pelo anspeçada Linheiro, à porta do mercado, com ordem de tomar as facas e “quirins”¹⁷ de quem ali quisesse entrar “prevenido”. Assim, os sujeitos desarmados não brigariam tão facilmente como dantes.

Mas os brigadores imaginaram um ardil para iludir essa vigilância. Dois dos Bacuraus apresentaram-se ao portão da feira, carregando numa rede, estendida em longa vara que lhes pesava aos ombros, um vulto embrulhado em lençóis. Era uma velhinha doente, disseram, que ia comprar umas ervas para fazer “chá”. A força deixou-os passar. No meio do mercado, arriaram a carga. Dentro da rede vinham, bem arrumados, as canelas-de-veado, os jucás, as massarandubas, os pequiás e os corações-de-negro da súcia. E os Bacuraus, armados de repente, caíram em cima dos Caborés sem armas, que foi uma lástima!

Os soldados, à custa de muita pranchada de sabre, restabeleceram a ordem e o anspeçada tomou para si a rede de “varandas” de labirinto. Ela lhe serviu, tempos depois, para um “plano” de arromba.

¹⁶ Não encontramos, noutro qualquer texto, a palavra. Não a registrou F. A. Pereira da Costa no seu *Vocabulário Pernambucano*. Tampouco Tomé Cabral em seu *Dicionário de Termos e Expressões Populares*.

¹⁷ *Quirim*, também *quiri*, é sinônimo, no alto sertão, de cacete curto, porrete.

Com o comandante do destacamento do Maranguape, o furriel Paulino Pisca-Pisca, roubara uma noite um porco cevado, perto do Culuminjuba. Sangraram-no logo, para que não gritasse e puseram-no dentro da rede, cujos punhos foram amarrados numa vara. Cada um meteu o ombro debaixo duma das pontas e seguiram a passo largo, rumo da cidade, como se carregassem um defunto. De vez em quando, gritavam na noite escura:

— Cheguem, irmãos das almas!

Abria-se a porta duma choupana, surgia um matuto, esfregando os olhos, que perguntava:

— É homem ou mulher?

Respondiam, sisudos:

— É macho, sim senhor. É o Zé Raimundo do Culuminjuba. Nós “é” os irmãos dele e vamos enterrá-lo no cemitério do Maranguape, de manhãzinha.

— De que morreu? indagava o homem.

— Dum “ar do vento”, Ave-Maria!¹⁸

E o caboclo substituía um deles e agüentava o peso durante um quarto de légua. Aparecia na estrada outra casa adormecida. De novo, gritavam:

— Cheguem, irmãos das almas!

Repetia-se a mesma cena. Assim foi até o portão do cemitério, onde os dois “irmãos” do “defunto” se despediram dos últimos que o ajudaram, com mil agradecimentos. Era de madrugada, ficaram sozinhos e, ao clarinar dos galos, que anunciavam o sol, recolheram ao quartel com o gordo capado.

Como a descarregar a consciência de pecado tão leve, o Linheiro exclamava:

— Também havia mais de seis meses que o diabo da coletoria não pagava o soldo da gente!

A estória da rede era invariavelmente seguida da do seu feliz proprietário. Ele contava cada dia um rol de suas aventuras. Dessas uma ficou na memória dos meninos da vila, que gostavam de ir ver e escutar os policiais, no quartel. Diz o povo: “menino por goiaba e soldado é pior do que raposa por cachaça”.

No tempo em que o Linheiro servira sob as ordens do tenente Monte e que os cangaceiros incendiaram a vila de Aurora, aparecera uma onça maçaroca¹⁹ no sertão, que dera o que fazer aos criadores.

¹⁸ A expressão cristã de fé *Ave-Maria* era complemento obrigatório da expressão *ar do vento*. O romancista, poeta e contista cearense Oliveira Paiva assim intitulou uma de suas estórias curtas, reunidas no volume *Contos*, editado em 1976, pela Academia Cearense de Letras. A estória fora publicada no número 3 do jornal literário *A Quinzena*, de 15/2/1887.

¹⁹ Espécime de onça de porte pequeno, nos sertões do Nordeste.

Durante meses, muitos a perseguiram por todos os meios, sem lograr matá-la, e ela, preando bodes, garrotes e poldros, dera na ribeira prejuízo superior a dez contos de réis. Os cantadores populares fizeram versos a seu respeito e sua fama correu mundo.

— Pois fui eu quem livrou a terra desse “fragelo”! afirmava o anspeçada, e vou contar como eu matei a maçaroca.

Pigarreava, ajeitava-se melhor na rede e falava:

— O tenente Monte mandou-me levar da Aurora para Lavras o Luiz Jaibara, cangaceiro e ladrão de cavalos. Meteu-se ele num colete de couro, bem cosido do pescoço à cintura, porém o malvado do carcereiro da vila molhou o couro. Saímos de madrugada, ele na frente e eu atrás, com a Comblain atravessada no ombro. Quando o sol esquentou, o couro do colete começou a engelhar e a apertar o desgraçado, que acabou caindo sufocado. Tive pena do Jaibara. Trazia, dependuradas do cinturão, para qualquer necessidade, umas algemas de ferro batido. Liguei-lhe os pulsos com elas, cortei a costura com a faca e aliviei-o do colete. Continuamos nosso caminho. Por volta de dez horas, paramos à sombra dum pé de pau, para almoçar. Dei farinha e rapadura ao preso. Depois, ele me pediu um cigarro. Meti-o entre seus beijos e o bandido, com voz de anjo, suplicou:

— Agora, anspeçada, acenda pelo amor de Deus!

Risquei um fósforo e aproximei-me descuidado. Na ocasião em que estendia a mão para fazer-lhe o favor, ele levantou os braços algemados para o alto e descarregou-me os ferros no meio da cabeça. Caí desfalecido.

Quando voltei a mim, devia ser bem meio-dia. A cabeça doía-me muito e, passando a mão pelo rosto, senti-o coberto de sangue coagulado. Olhei para todos os lados: nem sinal do Jaibara! O safado pusera-se no brejo.²⁰ Apanhei a Comblain e dispus-me a voltar para Aurora, com vergonha dos companheiros e medo do tenente Monte. Apanhava na certa “um mês, sendo quinze”. Castigo medonho: quinze dias de xadrez e quinze de solitária! Felizmente, escapei. Querem saber como?

Os que o escutavam aproximavam-se mais, curiosamente, e ele prosseguia:

— Passando os olhos pelo mato, avistei por cima das folhas, numa ponta de lapa dum serrote, um vulto mexendo. O sol estava forte e batia na minha cara. Não podia ver muito bem. Mas devia ser, com toda a certeza, o Jaibara, querendo esconder-se. Ah! se fosse ele, levava o seu couro ao tenente, para espichar na grade da cadeia. Preso fugido, soldado mata! Encostei a um galho o cano da Comblain, que é arma danada “mode” estragar com a bala o corpo

²⁰ A expressão popular, cada vez mais em desuso, significa fugir.

de qualquer um. Fiz a melhor pontaria que pude e o ronco saiu. A tal coisa caiu, movendo-se ainda. Atravessei a catinga cheia de unhas-de-gato, que acabaram com a minha farda de brim pardo, e subi pelas pedras. Quando cheguei lá “em riba”, meninos, foi que vi o “estrupício”! Não é mentira, não! Lá estava, morta, bem morta, a tal maçaroca “arrenegada”. E o mais curioso é que, perto dela, em cima da lapa, havia nódoas de sangue, uns ossos e as algemas de ferro. A bicha tinha comido o Jaibara, com tripas, cabelos e tudo!

No meio do profundo silêncio dos circunstantes, ele findava:

— Está aí como eu matei a maçaroca!